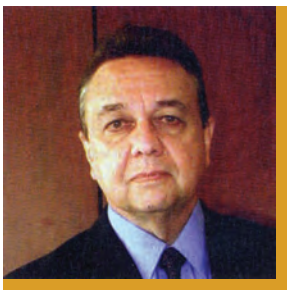
Diário de bordo

# Troféus e vergonha



Roberto Rodrigues*

O TEMPO passa muito depressa, e, daqui a pouco, vai começar a Rio+20, a grande reunião da ONU que vai discutir o futuro da humanidade do ponto de vista da sustentabilidade, inclusive buscando os mecanismos de governança quanto a este tema: quem vai fazer cumprir as decisões emanadas do Rio de Janeiro em junho próximo? Que penalidades seriam impostas a quem não cumpri-las? Algumas instituições ligadas às Nações Unidas têm notória dificuldade neste campo.

De qualquer forma, é um evento muito importante, e o mundo inteiro estará por uma semana de olhos voltados para o Brasil. Além da oficial, a qual comparecerão dezenas de chefes de Estado, ocorrerão reuniões paralelas, algumas muito grandes, organizadas por todos os tipos de organizações privadas formais, ONGs, estudantes, ativistas e agentes das mais diferentes orientações. Em muitas delas, o agronegócio brasileiro estará sendo atacado, seja por interesses meramente comerciais de concorrentes de má-fé, seja por desinformação, seja por ideologia, seja lá pelo que for. E precisamos estar preparados para responder a esses ataques.

Mais que isso, precisamos estar prontos para mostrar o que já realizamos em termos de sustentabilidade agrícola e pecuária com nossa desenvolvida tecnologia tropical. E os números de área poupada em todos os nossos produtos agropecuários em função do aumento de produtividade são notáveis.

Igualmente espetacular é o nosso avanço em Plantio Direto, técnica na qual o Brasil já é o segundo maior país do mundo, logo abaixo dos Estados Unidos. A integração lavoura/pecuária/floresta é outro tema que pode revolucionar o agro em países tropicais do mundo todo (América Latina, África e Ásia), poupando áreas florestadas e recuperando pastagens degradadas. Aliás, este é apenas um dos pontos do vasto programa lançado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, que é o Agricultura de Baixo Carbono (ABC). E vale lembrar que já temos mais de seis milhões de hectares de florestas plantadas.

Mesmo o Código Florestal, com todas as imperfeições de um texto tão complexo e com interesses tão conflitantes, é também um belo troféu a ser exibido com a clara perspectiva de recuperação de APPs e grande redução do desmatamento da Amazônia.

Enfim, temos um extraordinário arsenal de bons exemplos de sustentabilidade que já conseguimos, ao contrário de muitos daqueles que virão nos atacar.

Mas ainda temos algumas debilidades, e é preciso atentar para elas. Uma das mais delicadas é a referente à agroenergia, campo no qual por décadas o Brasil foi o grande campeão e que, agora, por pura falta de estratégia – que vem sendo reclamada há anos! – já ficou para trás dos Estados Unidos.

O governo passado se empenhou em convencer o mundo das vantagens do uso dos biocombustíveis, nos aspectos econômico (redução da necessidade de importação de derivados de petróleo), social (só o Proalcool gerou um milhão de empregos diretos e indiretos), e ambiental (a cadeia produtiva de cana emite apenas 11% do $CO_2$ emitido pelos carros a gasolina). E desde o ano passado estamos importando álcool de milho dos Estados Unidos. Trata-se de uma vergonha nacional que nos será cobrada na Rio+20. O que aconteceu?

Boa parte disso se deve à forte seca em dois anos seguidos, o que reduziu a produção de cana.

Mas o que está por trás disso, na verdade, é falta de visão (pública e privada) do setor, quase *laissez faire* para um produto estratégico, porque combustível.

Além da completa falta de programa para o setor, este ainda é duramente afetado pela política de preços subsidiados da gasolina, fato que limita a competitividade do etanol, e por aí vai.

Lamentável, porque, ao lado dos maravilhosos troféus de nossa sustentabilidade agropecuária que exibiremos orgulhosos na Rio+20, temos esta triste situação: de campeões da agroenergia a dependentes de etanol americano, exatamente porque não soubemos planejar. Mas ainda dá tempo... ■

* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal